

ANÁBASE DE ALEXANDRE, DE ARRIANO

ARRIANO, LIVRO VII, 1 (5-6) E 2 (1-4)

INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO¹

1. INTRODUÇÃO: ALEXANDRE PELOS OLHOS DE ARRIANO

1.1. *Algumas notícias sobre Arriano e sua Anábase*

Lucius Flavius Arrianus viveu entre 87 e 180 a.C. Filho de família aristocrata grega, nascido ao norte da Ásia Menor, em Nicomédia, na Bitínia, ficou conhecido, assim como Xenofonte, Heródoto e Tucídides por obras de recolhimento de fatos, ou seja, foi um doxógrafo a que hoje nomearíamos historiador. Arrianus escreveu várias obras entre as quais a “Anábase de Alexandre”, da qual foi exertado o trecho ora traduzido. Devemos a ele o precioso recolhimento das **Diatribes** de Epicteto, seu mestre no Estoicismo.

Para os fins desta publicação, os pequenos exertos agora traduzido da **Alexandroy Anabaseos**² – parágrafos I, 5-6: II, 1-4 do livro VII –, que dizem respeito à ocasião em que Alexandre se encontra com sábios indianos, os gimnosofistas, e com Diógenes, o filósofo grego. Esse encontro, segundo

1. A tradução do texto grego foi elaborada pelo Prof. ETTORE QUARANTA, do Dep.de História da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. Para fazer esta pequena notícia introdutória sobre Arriano e sua obra **Anábase**, a Editoria serviu-se das informações apresentadas pelo próprio Prof. Quaranta na sua tese de doutorado **A imagem de Alexandre na Anábase de Arriano**, defendida na Universidade de S. Paulo, em 1998.

2. A edição utilizada pelo Prof. QUARANTA é a de P. A. BRUNT, por ser a mais recente (1967), segundo ele, e ter seguido a linha de A. G. ROSS (de 1907) baseada no chamado arquétipo A, onde há mais clareza de vocabulário identificando a personalidade e estilo de Arriano, “a simple, honest soul” segundo expressão de Brunt (ed.p.XXXIV) – **Arrian Hystory of Alexander and Indica**, ed. Loeb, Harvard Univ.Press & W.Heinemann Ltd. (Cambridge & London), 1983 (nesta edição consta também a obra **Indica**, de ARRIANO).

Arriano, deu-se por acaso quando Alexandre dirigia-se ao santuário de Amon, no mar Cáspio, na desembocadura do Eufrates e Tigre. Estas duas ocasiões, com o filósofo grego e com os gimnosofistas indianos, mostram algo da época e do próprio Alexandre, segundo a leitura que dele fez Arriano. Não são as únicas passagens em que Arriano comenta sobre Alexandre e sua relação com a Filosofia, mas deixa-nos um pequeno fragmento da época de Arriano, de sua visão sobre as regras éticas e, principalmente, algo sobre o perfil do herói macedônio que interessa aos romanos, como será brevemente comentado.

Um dos aspectos interessantes da Anábasis, afora a construção idealizada de Alexandre contra correntes excessivamente críticas ao guerreiro, já assentadas no século de Arriano, parece provir do fato de ser o doxógrafo um estóico e, como se sabe, o Estoicismo Romano tem valores de conduta muito claros e de tom ascético, regras de viver fundadas numa visão específica da *phýsis* que, certamente, não foi a de Alexandre. Percebe-se que Arriano, ao mesmo tempo em que quer glorificar o grande conquistador como o herói, tem algum pudor em aceitar certas condutas alexandrinas devido a ser ele próprio um estóico. Sua forte motivação para resgatar os feitos de Alexandre ultrapassa sua tendência filosófica e suas preocupações com a virtude, em conformidade com a escola de Epicteto, e mesmo apontando como não virtuosa a inquietude de Alexandre (*palypragmosýne*), sua tendência de sempre fazer prevalecer suas próprias opiniões (*doxai*) e seu excessivo desejo de glórias, não deixa de louvá-lo. Nada menos estóica a conduta de Alexandre, disso bem sabia o Arriano estóico!

O modelo para suas obras foi Xenofonte, que já havia escrito imitando Homero e as aventuras dos grandes heróis da raça grega. Ambos, Xenofonte e Arriano, atrelam às ações dos seus heróis uma reflexão sobre a virtude. E como toda a tradição cultural grega, também baseou-se Arriano na mímese de Homero. Os romanos que louvaram essa cultura, também a utilizaram como “*paidéia* mimética” pela via dos narradores.

A presença de Homero é marcante em toda cultura greco-romana, e não é surpresa encontrar seus ecos em Arriano numa época de grande cultivo dos textos gregos. Ouça-se um desses ecos quando, conta Arriano, Alexandre, assumidamente, nomeia-se Aquiles. Ora, tal notícia serve ao doxógrafo para criar a ambiência épica da **Iliada**, em uma série de momentos em que o grande estrategista surge como semidivino e invencível como o próprio Aquiles. Uma outra notícia informa que, no que dependesse desse novo herói, não apresentava titubeios na procura de uma *dóxa*, de um julgamento que ele mesmo constituía e considerava sempre o melhor

caminho, sem maiores ponderações. Alexandre é, nas palavras de Arriano, um herói furioso, qual Aquiles. E há momentos em que essa fúria explode: por exemplo, em I,7 e ssgg. da **Anábese**, quando da necessidade de voltar à Grécia, já a caminho da Ásia e devido à sublevação de Tebas, Alexandre destrói impiedosamente a cidade. Em IV,13, o herói surra um desprevenido pajem – o que provocará o complô dos pajens – por ter ele atirado a lança primeiro em um javali. Em VI, 29, há notícia da profanação do túmulo de Ciro, apesar deste representar para Alexandre o símbolo máximo da realeza asiática associada à virtude.

Arriano conta, ainda, sobre os castigos freqüentes impostos por Alexandre a todos os povos recalcitrantes que romperam acordos feitos, e sobre sua fúria diante da recusa final dos macedônios (em VII, 10) em continuar a marcha que ele determinara em sua *dóxa*. Mesmo assim, o estóico Arriano não critica abertamente o grande guerreiro macedônico, ao contrário, tenta mostrar ao longo de seu recolhimento a curiosidade alexandrina pelo conhecimento, a admiração que manifestou pelos sábios, apesar de – e isto Arriano pondera – não apresentar pendores para a reflexão, como apresentaram Adriano³ e o posterior imperador romano, o estóico Marco Aurélio. O ímpeto de Alexandre era bem mais forte para as conquistas. Se tivesse podido falar o Platão da **República** (livros II e III), sem dúvida ele diria que Alexandre era um típico timocrático. Suas ações impensadas, sua fúria e força de determinação para o que desejava deveriam ser, para o estóico Arriano, criticáveis. Mas, nas notícias que tece é apresentada uma visão idealizada do “segundo Aquiles” em muitos pontos – por motivos que não cabem expor, aqui, mas que têm, provavelmente, seu solo no ideal imperial romano de figurar um grande herói conquistador. Em muitos outros pontos, o doxógrafo nos dá textos que podem reconstituir um Alexandre mais próximo ao “histórico”.

Aprendemos que Arriano se propõe a ser Homero ao narrar as façanhas de Alexandre e que só contará fatos nos quais pode realmente confiar. Diz ele que Alexandre considerava Aquiles feliz porque muitos cantaram suas glórias, e que, no entnato, não haviam sido cantados os grandes feitos do próprio Alexandre, nem em prosa, nem em versos, da forma como mereciam. Ali, na Tróade, Alexandre, continua Arriano, segundo alguns, foi coroado

3. Provavelmente, os relatos de Arriano sobre Alexandre são oferecidos ao grande amigo, o imperador Adriano, (117-138 a.C.) com quem privou dos ensinamentos de Epicteto, em Nicópolis, na Grécia, quando ainda eram jovens.

por Menoitios, e colocou uma coroa sobre a tumba de Aquiles, enquanto seu amigo Heféstion, colocou outra sobre a tumba de Pátroclo. Aquiles, Pátroclo-Alexandre, Heféstion, pares que formam o *introtitus* de uma peça. Alexandre, o rei, e Heféstion, um “outro Alexandre”, como ele mesmo diz (em II, 12, 6), assumem o papel do par heróico original nessa *mímesis* arriânica. Desta forma inicia-se o drama que, por mais de uma vez, confirmará coincidências com os fatos da **Iliada**. Um pequeno trecho de Arriano diz (VII,14,4):

...que Alexandre tenha cortado seus cabelos em honra do morto, eu não considero inverossímil, por muitas razões, mas em particular por causa do seu desejo de imitar Aquiles, com quem quis rivalizar desde a infância...

1.2. Sobre os dois encontros com sábios

2.1 – Para P. A. Brunt (in **Athenaeum**, 65, págs. 19-48), há um comprovado distanciamento do macedônio com as reflexões teóricas, e, como foi visto, também com as práticas equilibradas. O desejo de glória excitava Alexandre, informa-nos Arriano (VII, 1,4), e neste trecho do encontro com os sábios ditos hindus parece haver, nas palavras destes sábios, certa familiaridade com temas da escola cínica grega, bem conhecida de Arriano pois foi fonte para o Estoicismo. Isto faz supor que tenha sido um relato fictício elaborado pelo doxógrafo, talvez para criticar, de modo um tanto velado, a figura tão bem elaborada de Alexandre como herói semidivino. Há, sem dúvida, um tom de crítica ao modo de ser de Alexandre, crítica que um estóico facilmente poderia fazer, bem podem verificar os estudiosos da Stoa. Também pode advir tal colocação de Nearco que, em sua outra obra, **Indica** (11,7) diz que havia encontrado nos caminhos sábios indianos, mas nada diz sobre qualquer encontro direto entre eles e Alexandre (e nenhum outro autor recolhe tal notícia).

Nessa conversa entre os sábios e Alexandre há uma referência à sua morte, talvez não ao modo dos adivinhos, como indica Calanos, o sofista indiano que, nas palavras de Arriano, ao preparar-se para morrer não quis aproximar-se de Alexandre prevendo que o encontraria na Babilônia (VII,18,6). Na **Anábese** parece estar presente muito mais uma admoestação à ambição alexandrina e seu deslimite enquanto ser humano dependente da *phýsis*, palavras de tom seguramente cínico-estóico.

2.2 – No encontro com Diógenes de Sínope, aparece novamente um Alexandre afoito e pragmático que se depara com um sábio que se coloca no mesmo nível que ele, apesar de não ter posses, exército, ambições. Nestas passagens, o Alexandre de Arriano prima pela ausência de ação,

ouve os sábios e, mesmo podendo reagir de algum modo, nada faz. Claro que, em outras passagens, Arriano critica mais abertamente Alexandre, porém sempre muito pouco. Nos “episódios bárbaros” (IV, 7-12) ele apresenta um Alexandre que parece perder a coroa de herói. Aponta sua falta de autocontrole, de *sophrosýne*, na morte de Clitus; na adoção da *proskynesis*, das roupas persas; na condenação de Calístenes. Entretanto, com exceção do primeiro episódio, tenta justificar todos os outros que aparecem na **Anábese**. Por exemplo, diz Arriano que Alexandre ao agir muitas vezes de modo impetuoso e impróprio, isto se devia ao fato de ser muito jovem, mas que, ao final, admitia seus erros; que sua “origem divina” para exigir reconhecimento era apenas para impressionar os súditos; que sua falada embriaguez nunca houve (apenas bebia por companheirismo aos macedônios); que o uso das roupas persas era para parecer menos estranho aos povos dominados; que Clitus foi culpado de sua própria morte por desprezar o poder real, embora Alexandre merecesse a crítica de não possuir autocontrole.

Arriano não podia deixar de fazer admoestações a Alexandre porque estas faziam parte das notícias já assentadas sobre ele. Nesta complexa elaboração idealizada, onde se mesclam heroicidade homérica e realeza ideal, certamente existiu a contradição diante desse “segundo Aquiles” contraposto aos ideais estoicos. Arriano justifica Alexandre, diferentemente do Estoicismo tradicional que não o poupa, porém tenta mostrar que há um mínimo de proximidade em suas intenções (e não nas ações) com algumas regras estoicas do mestre Epicteto: reconhece Alexandre “suas próprias faltas”, e tem “piedade ao homem que erra, a maior vítima de seu próprio erro”⁴. Mas, é ainda Arriano quem noticia (VII.1 e 2) que é o mesmo Alexandre quem não põe em prática os ensinamentos filosóficos que teve: ele colocou a própria heroicidade acima da filosofia.

Assim, Arriano se contradiz, ou melhor, parece não querer decidir-se com clareza, ora demonstrando os erros de seu personagem principal, quando dirige seu olhar aos fundamentos da Ética da Stoa, ora engrandecendo-o como o ser “incomparável” e paradigma para os grandes imperadores, quando sua vertente é a Roma Imperial e Adriano.

Rachel Gazolla
(editora)

4. Cf. Epicteto. **Diatribai** . I, 18.3 e II.21.1.

- 5 καὶ ἐπὶ τῷδε ἐπαινῶ τοὺς
σοφιστὰς τῶν Ἰνδῶν, ὧν λέγουσιν ἔστιν οὓς κατα-
ληφθέντας ὑπ' Ἀλεξάνδρου ὑπαιθρίου ἐν λει-
μῶνι, ἵνα περ αὐτοῖς διατριβαὶ ἦσαν, ἄλλο μὲν
οὐδὲν ποιῆσαι πρὸς τὴν ὄψιν αὐτοῦ τε καὶ τῆς
στρατιᾶς, κρούειν δὲ τοῖς ποσὶ τὴν γῆν ἐφ' ἧς
βεβηκότες ἦσαν. ὡς δὲ ἤρετο Ἀλέξανδρος δι'
ἐρμηνέων ὅ τι νοοῖ αὐτοῖς τὸ ἔργον, τοὺς δὲ
6 ὑποκρίνασθαι ὧδε· βασιλεῦ Ἀλέξανδρε, ἄνθρω-
πος μὲν ἕκαστος τοσόνδε τῆς γῆς κατέχει ὅσον περ
τοῦτό ἐστιν ἐφ' ὅτῳ βεβήκαμεν· σὺ δὲ ἄνθρωπος
ὧν παραπλήσιος τοῖς ἄλλοις, πλήν γε δὴ ὅτι
πολυπράγμων καὶ ἀτάσθαλος, ἀπὸ τῆς οἰκείας τοσ-
αύτην γῆν ἐπεξέρχῃ πράγματα ἔχων τε καὶ
παρέχων ἄλλοις. καὶ οὖν καὶ ὀλίγον ὕστερον ἀπο-
θανῶν τοσοῦτον καθέξεις τῆς γῆς ὅσον ἐξαρκεῖ
ἐντεθάφθαι τῷ σώματι.

2. TRADUÇÃO

LIVRO VII, 1,5-6

(1) “...Por isto, eu louvo os sábios hindus que, como **5**
se relata, foram surpreendidos por Alexandre, ao ar
livre, em um prado, onde costumavam ter con-
versações e, à vista dele e do exército, não fizeram
outra coisa, a não ser bater com os pés o solo sobre
o qual estavam instalados. E quando Alexandre
perguntou, através dos intérpretes, o que o ato
significava para eles, responderam assim: ‘Rei **6**
Alexandre, cada homem possui tanto de terra quanto
é este sobre a qual estamos situados, e tu és homem
igual aos outros, exceto por ser inquieto e orgulhoso,
marchando da tua terra para esta, tendo perturbações
e causando nos outros. E logo ao morrer não terás
mais de terra do que for suficiente para te enterrar o
corpo.’”

2. Κάνταυθα ἐπήνεσε μὲν Ἀλέξανδρος τοὺς τε λόγους αὐτοὺς καὶ τοὺς εἰπόντας, ἔπρασε δὲ ὁμως ἄλλα καὶ τάναντία οἷς ἐπήνεσεν. ἐπεὶ καὶ Διογένην τὸν ἐκ Σινώπης θαυμάσαι λέγεται, ἐν Ἰσθμῷ ἐντυχὼν τῷ Διογένει κατακειμένῳ ἐν ἡλίῳ, ἐπιστὰς σὺν τοῖς ὑπασπισταῖς καὶ τοῖς πεζεταίροις καὶ ἐρόμενος εἶ του δέοιτο· ὁ δὲ Διογένης ἄλλου μὲν ἔφη δεῖσθαι οὐδενός, ἀπὸ τοῦ ἡλίου δὲ ἀπελθεῖν ἐκέλευσεν αὐτόν τε καὶ τοὺς σὺν αὐτῷ. οὕτω τοι οὐ πάντῃ ἔξω τοῦ ἐπινοεῖν τὰ κρείττω ἦν Ἀλέξανδρος, ἀλλ' ἐκ δόξης γὰρ δεινῶ ἐκρατεῖτο. ἐπεὶ καὶ ἐς Τάξιλα αὐτῷ ἀφικομένη καὶ ἰδόντι τῶν σοφιστῶν <τῶν> Ἰνδῶν τοῦ γυμνοῦς πόθος ἐγένετο ξυνεῖναί τινά οἱ τῶν ἀνδρῶ τούτων, ὅτι τὴν καρτερίαν αὐτῶν ἐθαύμασε· καὶ ὁ μὲν πρεσβύτατος τῶν σοφιστῶν, ὅτου ὁμιλητὰ οἱ ἄλλοι ἦσαν, Δάνδαμις ὄνομα, οὔτε αὐτὸς ἔφ' παρ' Ἀλέξανδρον ἦξειν οὔτε τοὺς ἄλλους εἶα
- 3 ἀλλὰ ὑποκρίνασθαι γὰρ λέγεται ὡς Διὸς υἱὸς καὶ αὐτὸς εἶη, εἶπερ οὖν καὶ Ἀλέξανδρος, καὶ ὅτι οὔτε δέοιτό του τῶν παρ' Ἀλεξάνδρου, ἔχειν γὰρ οἱ εὖ τὰ παρόντα, καὶ ἅμα ὄραν τοὺς ξὺ αὐτῷ πλανωμένους τοσαύτην γῆν καὶ θάλασσα ἐπ' ἀγαθῷ οὐδενί, μηδὲ πέρασ τι αὐτοῖς γινόμενο τῶν πολλῶν πλανῶν. οὐτ' οὖν ποθεῖν τι αὐτὸ ὅτου κύριος ἦν Ἀλέξανδρος δοῦναι, οὔτε αὖ δεδιέναι, ὅτου κρατοίη ἐκεῖνος, ἔστιν οὐ εἴργεσθαι
- 4 ζῶντι μὲν γὰρ οἱ τὴν Ἰνδῶν γῆν ἐξαρκεῖν φέρουσαν τὰ ὠραία, ἀποθανόντα δὲ ἀπαλλαγῆσεσθαι οὐκ ἐπιεικοῦς ξυνοίκου τοῦ σώματος. οὐκοῦ οὐδὲ Ἀλέξανδρον ἐπιχειρῆσαι βιάσασθαι γνόντ' ἐλεύθερον ὄντα τὸν ἄνδρα, ἀλλὰ Κάλανον γὰρ ἀναπεισθῆναι τῶν ταύτῃ σοφιστῶν, ὄντινα μάλιστ' αὐτοῦ ἀκράτορα Μεγασθένης ἀνέγραψεν αὐτοῦ τοὺς σοφιστὰς λέγειν κακίζοντας τὸν Κάλανον ὅτι ἀπολιπὼν τὴν παρὰ σφίσι εὐδαιμονίαν ὁ δὲ δεσπότην ἄλλον ἢ τὸν θεὸν ἐθεράπευε.

LIVRO VII, 2,1-4

2. “... No momento Alexandre louvou os discursos e os que os pronunciaram, mas agiu de outra forma e ao contrário daquilo que louvou. Conta-se, também, porque ele admirou Diógenes de Sínope, quando o encontrou no Istmo, estirado ao sol, e se posicionando com os escudeiros e os infantes perguntou-lhe do que precisava; Diógenes disse que não necessitava de nada, mas pediu que ele e os que estavam com ele se afastassem do sol. Assim, Alexandre não era totalmente alheio a procurar compreender coisas melhores, mas era violentamente dominado pelo desejo de glória. E quando chegou a Taxila, e viu os sábios indianos que viviam nus, foi tomado do desejo de unir a ele próprio um desses homens, porque lhes admirava a resistência. E o mais velho dos sábios, de nome Dándamis, do qual os outros eram discípulos, disse que ele mesmo não iria junto de Alexandre e nem permitiria que os outros fossem, e conta-se que ele respondera que também ele era filho de Zeus, se é que Alexandre o era, e que não necessitava de nada do que pudesse vir de Alexandre, que era suficiente o que tinha e que, ao mesmo tempo, via aqueles que estavam com ele errando através de tanta terra e tanto mar para nenhum bem, sem haver fronteira nenhuma às suas muitas viagens errantes. E ele, então, nem desejava nada do que Alexandre era senhor de dar e nem, por outro lado, temia que, do que aquele controlava, pudesse haver algo que lhe pudesse ser negado. Enquanto vivesse, a terra indiana lhe bastava, produzindo os frutos da estação, e, ao morrer, se livraria de um companheiro inconveniente, o corpo. E Alexandre não tentou forçá-lo sabendo que era um homem livre, mas Calanos, um dos sábios, foi persuadido por isto e, conforme Megastenes escreveu, os outros sábios, então, diziam que ele era excessivamente sem autocontrole, injuriando-o porque abandonava a felicidade de junto deles e procurava servir a um outro senhor, que não fosse o deus.”